

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: CECILIA MANGINI
30 de outubro de 2021

ANTONIO GRAMSCI: I GIORNI DEL CARCERE / 1977

Um filme de Lino Del Fra

Realização: Lino Del Fra / Argumento: Cecilia Mangini e Lino Del Fra / Montagem: Silvano Agosti / Música: Egisto Macchi / Direção de Fotografia: Gabor Pogany / Interpretações: Riccardo Cucciolla (Antonio Gramsci), Paolo Bonacelli (Bocchini), Pier Paolo Capponi (Enrico), Franco Graziosi (Manuilsky), Jacques Herlin (Lo Santo), Biagio Pelligra (Bruno), Luigi Pistilli (Gennaro Gramsci), John Steiner (Laurin), Claudio Carafoli (Ercole), Pierluigi Giorgio (Guiseppe), Antonio Piovaneli (Athos), Mimsy Farmer (Giulia), Lea Massari (Tania) / Produção: Cooperativa Nuovi Schermi C. / Direção de Produção: Alfonso Cucci / Direção Artística: Amedeo Fago com Mario Valentini / Guarda-roupa: Marisa D'Andrea com Lia Morandini / Organização e Assistência de Realização: Cecilia Mangini / Cópia: Ficheiro, preto e branco, falado em italiano, legendado eletronicamente em inglês e português / Duração: 123 minutos / Inédito Comercialmente / Primeira Apresentação na Cinemateca.

Aviso: a cópia, em formato de ficheiro, não apresenta as melhores condições de reprodução imagem-som, motivo pelo qual apresentamos as nossas desculpas.

Não se trata de uma conversão tão radical – fulgurantemente radical, apetece escrever – quanto aquela que acontece na ficção de Roberto Rossellini, protagonizada por Vittorio De Sica, **Il generale Della Rovere** (1959). Todavia, os anos do cárcere, tal como aqui encenados – “efabulados” ainda que baseados em dados históricos – são também da ordem da conversão, uma vez que o filme de Lino Del Fra nos mostra Antonio Gramsci, filósofo marxista e deputado pelo Partido Comunista Italiano, condenado a vinte anos de prisão pelo regime fascista, em intenso processo de reflexão, decantando, autocriticamente, a suas próprias posições políticas. Se surge, de facto, no início, como representante da ala mais dura da ideologia comunista, à medida que os anos passam, Lino Del Fra vai-nos dando a conhecer uma pessoa diferente, progressivamente mais céptica, enquanto aprofunda a sua crítica ao autoritarismo de base estalinista: “Quando o partido é repressivo, funciona burocraticamente...”

Sentindo na pele uma certa impotência face ao crescimento e consolidação do regime fascista de Mussolini, Gramsci não deixa de ser crítico da incapacidade dos vários Partidos Comunistas, incluindo o italiano, de responderem aos anseios mais íntimos da classe trabalhadora, tampouco conseguindo transformá-la numa nova classe intelectual capaz de destronar a ideologia burguesa vigente. Vigente aonde? Nas escolas, nas igrejas, na imprensa, na rádio... Gramsci foi dos primeiros políticos marxistas a chamar a atenção, de maneira decisiva, para a importância da cultura e, nela, de certos, como diria depois Louis Althusser, “Aparelhos Ideológicos de Estado”, em que se incluem decisivamente os *mass media*. Para que houvesse revolução, tinha de se fazer emergir uma verdadeira cultura revolucionária de esquerda, em suma, uma nova intelectualidade sem medo de sujar as mãos, porque “A hegemonia da classe burguesa... respiramo-la mecanicamente, como o ar”.

O filme de Lino Del Fra, cujo argumento é escrito a meias com a documentarista, também sua companheira de vida, Cecilia Mangini, lembra talvez menos a ficção de Rossellini com De Sica do que os filmes realizados pelo mesmo Rossellini para a televisão, versando sobre os grandes pensadores da história da humanidade, de Sócrates a Descartes. Filmado de maneira austera, “desafetada”, quase “bressoniana”, Lino Del Fra não pretende celebrar um herói, mas simplesmente – coisa nada simples – mostrar o homem e, através desta ficção, partilhar com um público crítico a sua visão do mundo.

Apesar de entrevermos neste filme biográfico aspectos importantes da vida sentimental do filósofo, como episódios da relação que manteve, durante muitos anos, a partir do cárcere, com a sua mulher, a violinista russa Giulia Schucht, Del Fra privilegia o pensamento político forjado entre as quatro paredes, ora na cela pessoal, ora no pátio, onde, no ir e vir do passeio higiénico, vai debitando as suas “lições” para camaradas mais ou menos cúmplices.

Riccardo Cucciolla, o ator que interpreta Gramsci e, aliás, que já o havia encarnado no filme **Il delitto Matteotti** (1973) de Florestano Vancini, participa desse lado “desafetado” do estilo de filmar de Lino Del Fra, uma vez que não procura de maneira alguma compor uma “máscara” facilmente empática – há uma soberba assumida no retrato, isto é, na maneira como Gramsci dita as suas “lições”, não escondendo uma certa vaidade pela loquacidade da sua retórica furiosamente livre e determinada. Dito de outra forma, talvez ao contrário do herói de Rossellini em **Il generale Della Rovere**, a tentativa para cristificar a figura de Gramsci é, aqui, totalmente anulada quer pela realização desadornada e fria de Lino Del Fra, quer também pela interpretação sem pingo de sentimentalismo a cargo de Cucciolla. Uma sequência parece evidenciar um lado mais “terra-a-terra” do nosso solitário protagonista, mostrando-nos Gramsci ocupado com a faxina da cela. No entanto, Del Fra acrescenta na banda sonora uma voz interior que “perora”, revê e afina o argumentário político. Com isso, parece haver qualquer coisa de maquinal – ou mesmo de “cartesiana”, à maneira do filme terrífico que Rossellini fez sobre o autor de *O Discurso do Método*, **Cartesius** (1974) – na vida que anima o corpo pequeno e fraco deste homem programado por um pensamento rendilhado, complexo e, por vezes, orgulhosamente críptico. E quando escrevo “orgulhosamente críptico”, evito usar outra palavra, que não seria inteiramente justa: “snobe”.

O mérito maior de Lino Del Fra está em mostrar um pensamento crítico seguindo uma mecânica própria, no seio de uma forma de vida desassossegada, revelando em Gramsci, a dado ponto, uma grande amargura, que acaba por se rebelar contra si mesmo, para com os outros homens que pensam (a tal elite intelectual participante da *démarche* fascista). Del Fra cinge-se à matéria, ao mundo concreto do cárcere (o quotidiano desenrolado entre a doença, a desconfiança e a pura angústia resultante de um incontornável sentimento de impotência) e a algumas ações políticas passadas, em *flashbacks* algo distrativos que vão pontuando a narrativa. Não se quer aqui descobrir na figura de Gramsci um santo revolucionário, sendo elidida inclusive a força do amor por Giulia, que humanizaria mais e que porventura enriqueceria, de uma outra forma, o retrato deste homem-não-tão-maquinal-assim.

Numa das várias cartas (datada de 6 de março de 1924) que Gramsci endereçou à sua amada, terá dito: “Creio ainda que és forte, mais do que julgas. Muitas vezes, és mais forte do que eu. Mas eu estou acostumado à vida solitária que vivi desde a infância, a esconder os meus estados de alma atrás de uma máscara de dureza ou de um sorriso irónico. (...) Isso fez-me mal durante muito tempo. Durante muito tempo, as minhas relações com os outros foram extremamente complicadas.” Mais à frente, confia a Giulia que se apaixonou pela vida “através da luta da classe operária” e interroga-se: “Mas quantas vezes me perguntei se era possível ligar-nos a uma comunidade se não tínhamos amado ninguém, nem sequer a família; se era possível amarmos uma coletividade sem termos amado profundamente criaturas humanas individuais. Não iria isso ter um reflexo na minha vida de militante? Não iria esterilizar e reduzir a puro feito intelectual, a puro cálculo matemático, a minha qualidade revolucionária? Pensei muito em tudo isto e voltei a pensá-lo nestes dias, porque tenho pensado muito em ti, que entraste na minha vida e me abriste o amor, que me deste o que sempre me tinha faltado e que me fazia, muitas vezes, mau e turvo.” Com o rigor de um militante gramsciano, Lino Del Fra filma esta história como se fosse o próprio Gramsci a filmá-la, isto é, com o tom implacável e frio pertencente a esse seu lado “mau e turvo”. Qualquer coisa como: “Em Gramsci, sê gramsciano.”

Luís Mendonça